Capitulo 3

Mudanças na formação social da sociedade.

Adam começa o terceiro capítulo mencionando novamente uma frase muito parecida e com mesmo significado da que ele escreveu no início do primeiro capítulo. A revolução industrial se manifestou não apenas na formação econômica da sociedade, mas também em suas formações sociais e políticas.

O autor fala que da maneira como foi utilizado o termo “formação” deve ser interpretado como a totalidade de relações sociais definidas entre seres humanos (portanto sociais, econômicas e políticas) que formam determinado sistema.

Ele explica que no caso da formação econômica da sociedade este papel é desempenhado pelas forças produtivas e no caso da formação social, pelas relações de classe características. Quando ele se refere a “classe social” ele quer falar da totalidade de seres humanos inter-relacionados no interior de uma dada formação econômica, antes de tudo em função de uma mesma relação de propriedade com as forças produtivas (o que equivale a dizer que ou são proprietários das forças produtivas ou carecem dessa propriedade).

Adam fala que é na relação entre as diferentes classes sociais que vemos a força motriz da formação social das sociedades baseadas em classe. É nesse sentido que ele se pergunta sobre as implicações sociais dessa revolução industrial, ou seja, o que acontecerá na esfera das relações entre classes.

O autor fala que os prognósticos das mudanças na esfera de classes da sociedade informática, que é o que nos interessa principalmente aqui, dependem, sobretudo da análise do futuro do trabalho assalariado e das possíveis e diversas formas de ocupação que o substituirão. Ele baseia suas conclusões no pressuposto de que o trabalho no sentido tradicional da palavra desaparecerá gradualmente. E que este desaparecimento será uma consequência dos avanços da automação e da robotização produzidos pela revolução da microeletrônica.

O autor afirma no terceiro capítulo na página 43 que “Não está tratando aqui de ficção científica, mas de fatos objetivos que muitas vezes são mais assombrosos que a ficção”. Ele diz que é um fato que a automação plena eliminará inteiramente o trabalho humano (ele dá o exemplo do Japão onde em certas áreas o processo de produção se dá praticamente sem a participação humana.).

O autor fala que na sociedade informática a ciência assumirá o papel de força produtiva. Ele ressalta que mesmo hoje, a força de trabalho se modifica e desaparece em sentido social. E que na nova estrutura de classes da sociedade, a classe trabalhadora também desaparecerá.

Ele novamente afirma que a classe trabalhadora desaparecerá, mas, se pergunta o que a acontecerá com a classe capitalista, ou seja, os proprietários dos meios de produção, ele mesmo responde, dizendo que isso depende da natureza e do ritmo das mudanças sociais que terá lugar no futuro próximo. Ele diz que possa ser que ocorram mudanças de caráter socialista.

O autor fala que outo variante é mais provável, onde uma classe de capitalista rural e urbana fortemente debilitada e destinada, também a ela, desaparecerá.

Após isso ele afirma que talvez, quem ocupará o lugar dessas classes que irão desaparecer sejam os cientistas, engenheiros, técnicos e administradores, que se incumbirão do funcionamento e dos progressos da indústria e dos serviços, ele afirma que este estrato social será em certo sentido novo, mas apenas em certo sentido: os especialistas e os profissionais existiam ontem como existem hoje; o mesmo cabe dizer da utilização de seus conhecimentos como instrumento de produção, ele afirma que esse estrato não será tão numeroso quanto o conjunto das duas classes substituídas, mas substituirá plenamente no que diz respeito às suas funções sociais e, provavelmente, também com um nível mais elevado de eficiência.

Mas Adam deixa bem claro que, os problemas nas estruturas de classes de modo algum esgotam todos os problemas sociais resultantes da atual revolução industrial.

Ele fala sobre a eliminação das diferenças entre trabalho manual e trabalho intelectual, que pressuponha não apenas a abolição das fadigas do trabalho manual, mas também a eliminação das diferenças de status social entre estes dois grupos de trabalho, ele fala que essa exigência se tornou realista apenas hoje, na sociedade informática, onde esta assistirá o desaparecimento do trabalho manual; o que resta do antigo trabalho assumirá o caráter de ocupações intelectuais, ele diz que assistiremos à materialização da antiga palavra de ordem não através da equiparação dos dois tipos de trabalho, mas através da eliminação de um deles. Ele afirma que se todas as pessoas de uma ou de outra forma se ocuparem intelectualmente, não haverá motivos para singularizar os intelectos como estrato dotado de características especiais e de tarefas sociais igualmente especiais: a totalidade das pessoas desenvolverá a inteligência.

O autor também fala sobre a eliminação da diferença entre trabalho no campo, e o trabalho nas cidades, mas vê isso de uma forma mais positiva, e mais avançada que as demais áreas.

Ele também fala que apesar do desenvolvimento da área do transporte e da informática, as áreas mais afastadas ainda sofrem com uma desigualdade muito relevante em relação às ares urbana, o que incide negativamente sobre as suas atividades culturais, sociais, políticas etc. O autor tem pensamentos e ideias positivas para diminuir essas diferenças, algo que ate hoje não aconteceu.

O autor deixa claro que não cabe qualquer dúvida quanto ao fato de que o desaparecimento do trabalho no sentido tradicional, aliado ao desaparecimento da propriedade privada dos meios de produção, ou pelo menos a uma mudança de status da mesma, com a consequente modificação da estrutura de classe da sociedade, eliminará, ou pelo menos debilitará, certas diferenças sociais entre as pessoas. Isto afeta principalmente, aqueles relacionadas com a origem de classe. Ele afirma que isso seria um passo importante em direção a um igualitarismo social específico se não acarretasse o perigo de surgirem novas diferenças, que poderiam ser muito profundas sob certas condições políticas.

Adam fala que se pode produzir uma nova divisão entre as pessoas, uma divisão entre as que têm algo e as que não têm. Este “algo”, no caso, é a informação no sentido mais amplo do termo que, em certas condições, pode substituir a propriedade dos meios de produções como fator discriminante da nova divisão social, uma divisão semelhante, mas não idêntica, à atual subdivisão em classes.

Adam fala que quando ele fala de sociedade informática se refere a uma sociedade em que todas as esferas da vida pública estarão cobertas por processos informatizados e por algum tipo de inteligência artificial, que terá relação com computadores de gerações subsequentes, ele explica que o problema não esta nisso, e sim no modo como ocorre este processo nas diversas esferas da vida pública; o verdadeiro problema é quem deve gerir os resultados deste processo informático generalizado e como utilizar os dados que tem a sua disposição. O autor explica quanto maior o processo de expansão, maior é o perigo de uma divisão entre os que possuem e os que não possuem as informações adequadas, ele fala que esse processo pode assumir o caráter de classe.

O autor da um exemplo, dos EUA, onde foi feito um estudo para averiguar esses perigos, tudo começou com a supervisão das operações do trabalhador: o computador registra cada operação, cada interrupção do trabalho, o ritmo, a produtividade etc. comprovou-se que este controle provoca stress nos trabalhadores, tanto mais que os resultados de tal “observação” podem levar à demissão, e isto num período em que, devido ao desemprego em massa, intensifica-se a concorrência. Mas isso se torna mais grave quando é levamos em conta todas as informações recolhidas sobre cada cidadão.

Adam explica que cada instituição que tenha contatos com uma pessoa reúne informações sobre ela na esfera de seus interesses, em princípio, cada uma destas instituições recolhe informações para si. Mas Adam pensa um pouco mais longe quando pede que imaginemos uma “super-instituição” qualquer conseguisse recolher dados pertinentes de todas as instituições. Uma instituição destas explica o autor poderia não apenas saber praticamente tudo sobre uma determinada pessoa, mas, ademais, na prática, poderia conhecê-la mais e de forma mais confiável do que esta se conhece a si mesma. Isso poderia proporcionar não só meios de chantagem, mas também para os mais refinados métodos de manipulação de pessoas.

O autor afirma que através disso voltaremos à intrigante possibilidade de que surjam novas desigualdades sócias e ao paralelo renascimento de uma divisão quase classista da sociedade informática.

Adam fala que a divisão se dará, antes, entre aqueles que possuem informações pertinentes sobre diversas esferas da vida social e aqueles que estão privados destas em razão de leis relativas a segredo oficiais. Ele explica que isso é um grande problema, mas com isso entramos em uma nova esfera igualmente social, a saber: a política.